



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8558 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

CONHECIMENTO CIENTÍFICO A PARTIR DE ADORNO E HORKHEIMER

Giselle Carvalho Bernardes - UFG - Universidade Federal de Goiás

Juliana de Castro Chaves - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO A PARTIR DE ADORNO E HORKHEIMER

Este estudo faz parte do Projeto de Doutorado “Conhecimento Científico e Formação Humana” ligado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, e tem como objetivo compreender o conhecimento científico a partir de Adorno e Horkheimer, autores da Teoria Crítica da Sociedade. Realizamos uma pesquisa teórica para compreender os elementos que constituem o conhecimento segundo Adorno e Horkheimer a partir dos textos “Sobre sujeito e objeto” (1969/ 1995) de Theodor Adorno, e da obra “Dialética do Esclarecimento (1947/2006)”, de Theodor Adorno e Max Horkheimer e “Teoria Tradicional e Teoria Crítica (1937/1980)” e “Meios e fins (1946/2015)” de Max Horkheimer.

Diferentes formas de conhecimento foram produzidas e transformadas ao longo da história. O senso comum, o mito, a filosofia, a arte, são formas de apreensão da realidade que de alguma forma dialogam com a ciência. Esta mesma ciência atualmente é atacada pelo negacionismo, um ódio transvestido de conservadorismo em favor de um regime autoritário que propaga uma crença como verdade absoluta, por uma forte tendência anti-intelectualista que se manifesta na produção de mentiras perpetuadas nas redes sociais digitais.

Nesse contexto, é essencial se interrogar não somente sobre o que é conhecimento científico, mas sobre que conhecimento científico é crítico e capaz de desvelar esses impasses produzidos na contemporaneidade. Adorno e Horkheimer dialogam sobre a constituição do conhecimento científico a partir da materialidade histórica e da relação sujeito e sociedade. Eles debatem que a constituição do conhecimento científico é um processo atravessado pela dialética sobre mito e esclarecimento, teoria tradicional e teoria crítica, razão reflexiva e razão instrumental, bem como pela relação sujeito e objeto.

Na Grécia antiga as explicações e o conhecimento sobre a natureza eram

fundamentados nos mitos. Os mitos surgem como uma forma de conhecimento dos povos gregos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). As explicações do mito provinham de pessoas que se diziam possuidoras de saberes sobrenaturais, seres abençoados pelos deuses, por isso tinham superioridade em relação aos outros. Essa lógica constituída no mito, por ser da natureza, não era questionada, reproduzindo a desigualdade das pessoas em prol de interesses particulares, de uma classe social.

Para os autores, o mito não está tão distante. Ele continua existindo tanto em pensamentos religiosos, ligados a tradição ou ao conservadorismo, como no conhecimento científico que reafirmam uma realidade cristalizada e não pensada. “O mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. [...]. Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 20). Uma doutrina que não possibilita compreender o mundo real, o desenvolvimento histórico que constitui a realidade.

Mesmo que o esclarecimento pelo uso da razão seja uma forma presente na civilização que visava libertar a sociedade dos mitos e da visão metafísica de mundo, de livrar o ser humano do medo do desconhecido e tenha sido uma revolução científica da modernidade, essa promessa se revela contraditória.

A ideia de esclarecimento que vem com a ciência, se contrapõe aos mitos e busca substituir a imaginação pelo saber, realizar o progresso do pensamento, iluminando-o pela razão para livrar os homens das superstições e das relações de submissão. Essa perspectiva é ligada ao estado de maioridade, no qual os sujeitos possam legislar por si próprios e explicar a vida pela razão (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Para Horkheimer (2015), a substituição da imaginação e da fé por outro conhecimento é uma necessidade para a burguesia e para a sociedade que se delinea. Nesse processo, ao racionalizar o mundo, o ser humano acredita ser capaz de alcançar tudo o que almeja. A humanidade aposta nas possibilidades da razão e no progresso e abandona as tradições, os símbolos e os conceitos universais que a constitui, fazendo com que a razão perca muito da dimensão ética (HORKHEIMER, 2015, p. 26).

Com a possibilidade de se escolher o que deve ou não ser aceito como verdade por meio de comprovação científica, as relações de dominação acabam se reproduzindo no conhecimento científico. Nesse processo, a razão torna-se instrumento que concede ao homem o poder de decidir, de conhecer e julgar a realidade. Mas não é qualquer razão, mas a razão que converte a natureza em mera objetividade, em um mundo externo a si e engrandece o sujeito e suas potencialidades para dominar esse mundo (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Essa razão instrumental se constitui como um paradoxo, pois ao mesmo tempo que desenvolve o conhecimento técnico e empírico, melhora as condições de vida e liberta das barreiras dos mitos, ela também sujeita os indivíduos e a vida social ao avanço técnico técnica, ocasionando um processo de desumanização, o esquecimento das relações sociais, das condições humanas, da reprodução de desigualdade e atitudes totalitárias. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Ao racionalizar o mundo e manipulá-lo, o homem não se reconhece como parte da natureza e das relações que o constitui. O homem passa a compreender a história a partir do progresso técnico e científico, enquanto movimento linear e irreversível. O não reconhecimento do ser humano como parte da natureza compromete a capacidade de apreender a totalidade da realidade a partir das múltiplas determinações das relações que a constituem e o subordina a uma ordem natural do mercado, da competição e do lucro.

A tensão entre mito e esclarecimento marcam o movimento de retrocesso da ciência moderna quanto a promessa de uma sociedade humana livre. O mito, uma forma de dominar por ilusões, foi sendo gradualmente substituído pelo esclarecimento, outra forma de dominação e controle também muito opressivo, uma verdade determinante que confirma e reproduz o modo de vida existente. Dessa forma, o esclarecimento converte-se em mito ao abandonar as possibilidades de pensar e questionar a realidade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

A compreensão do Esclarecimento pelo uso da razão como meio para aumentar o saber e criar instrumentos que garantam a sobrevivência requer uma crítica teórica e prática que perpassa pelo debate entre teoria crítica e teoria tradicional. A teoria tradicional criticada por Horkheimer (1980) refere-se a um conjunto de saberes acumulados que permite a caracterização minuciosa dos fatos na ciência moderna. Uma teoria que se caracteriza por uma lógica formal para atingir fins que produzem e reproduzem as formas de vida vigentes. A formulação teórica tradicional supõe a neutralidade do pesquisador fundamentada no método cartesiano do positivismo onde o pesquisador deve apresentar um olhar neutro sobre o objeto a ser teorizado, não precisando se preocupar em saber os elementos constitutivos da história da realidade na qual esse objeto está inserido.

A teoria tradicional detém uma visão não histórica do objeto a ser pesquisado e do pesquisador, não reconhece os problemas sociais dos quais ela é também causadora e só visa a produção de saberes que alimente o processo de produção, o mercado e o lucro. Ao contrário, a teoria no sentido crítico, aponta como a realidade é constituída e vislumbra a potencialidade de superação dos problemas sociais, um mundo mais justo. A teoria crítica não se separa da sociedade e parte do princípio de que os homens são produtores de sua existência, de seus próprios modos de vida (HORKHEIMER, 1980).

Horkheimer (1980) afirma que na medida em que a teoria tradicional desloca-se da realidade material e histórica que a constitui, ela se transforma em uma categoria coisificada, ideológica. Nesse processo, o uso da razão se transforma em mero instrumento de exploração da natureza, ligando as ciências com interesses estritamente econômicos da classe burguesa nas sociedades capitalistas (HORKHEIMER, 2015). Assim, a esperança de melhorar fundamentalmente a existência humana, de superar uma organização social pautada na dominação de classe, perde a razão de ser.

Para Horkheimer (2015) o avanço do conhecimento técnico permite a criação de ferramentas que auxiliam na produção material e social para a subsistência. Em contrapartida, quando esse mesmo progresso técnico sobrepõe ao pensamento e a atividade criativa do homem, reduz sua autonomia, sua capacidade de resistir ao crescente aparato de manipulação das massas, seu poder de imaginação, seu juízo independente. O avanço técnico não é sinônimo de processo de humanização do homem.

Horkheimer (2015) associa o conceito de razão a uma faculdade humana de avaliar o que é verdade ou não. A racionalidade contém dois elementos fundamentais e indissociáveis: os *meios* e os *fins* ao qual ela se destina na verdadeira orientação para uma sociedade plena. A razão também possui duas dimensões: uma subjetiva, referente ao funcionamento abstrato do pensamento que serve ao interesse subjetivo e individual. E outra objetiva, que se refere a uma força não apenas na mente individual, mas também no mundo objetivo, que orienta a direção da sociedade e sua totalidade.

A sobreposição dos interesses subjetivos à realidade impossibilita a realização de um procedimento racional objetivo entre os homens e dos homens com as coisas em uma totalidade. Nega a objetividade da razão, ocultando-a. Nesse processo, a razão se encontra em processo de formalização, constituindo uma razão instrumental, um instrumento útil a

reprodução do modo de vida vigente.

Na formalização da razão, percebem-se as contradições na relação sujeito e objeto. O sujeito constitui e é constituído pelo objeto do conhecimento, e ao relacionar-se com o objeto ele tem a oportunidade de se reconhecer e se diferenciar desse objeto, e conhecer as condições que o constituem. Uma vez separado do objeto, o sujeito reduz sua consciência diante da sua relação com o mundo objetivo e perde a possibilidade de refletir sobre as forças sociais que o governam (ADORNO, 1995).

Diante da regressão do esclarecimento, Adorno e Horkheimer (2006) expressam que, a medida que o pensamento científico é hierarquicamente considerado como forma legítima de pensar, transforma-se em uma ação formalizada, automática e passiva. O pensamento termina sendo algo que não revela as reais condições de produção e reprodução do modo de vida na sociedade. Não pensa as relações ocultas de interdependência e desigualdade na perspectiva de superar as condições de dominação e violência que afastam o homem de sua condição humana.

O pensamento crítico dialético, diferente desse modelo, exige que o ser humano exista como sujeito e que pratique o exercício de ver e sentir para romper com esse modelo de razão instrumentalizado. Que possa apreender e compreender as múltiplas determinações nas condições históricas da vida social como potencialidade dos homens vir a ser melhor com todas as suas potencialidade. Um pensar crítico que permita projetar possibilidades de superar o preconceito, as desigualdades e a violência constituídos pelo atual modo de produção da vida.

Palavras-Chave: Conhecimento. Razão. Teoria Crítica. Adorno. Horkheimer.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Sobre sujeito e objeto. *In: Palavras e sinais: modelos críticos.* Tradução Maria Helena Ruschel. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. *In: BENJAMIN, W.;* HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. **Os Pensadores.** Traduções de José Lino Grünnewald [et al.] São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HORKHEIMER, Max. Meios e fins. *In: HORKHEIMER, Max. Eclipse da razão.* Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2015.